

## O USO DO CLÍTICO SE COM VERBOS NÃO ACIONAIS EM TEXTOS DE AUDIÊNCIAS PÚBLICAS

Cícero José da Silva<sup>1</sup>  
Denilson Pereira de Matos<sup>2</sup>  
Maria Soares de Araújo<sup>3</sup>

**RESUMO:** Este artigo tem como objetivo investigar o comportamento do clítico SE com verbos não acionais em textos escritos de audiências públicas, considerando aspectos funcionais como função clítica, grau de transitividade e relevo discursivo. Para isso, utilizamos o Corpus Brasileiro v. 2.3 da Linguateca, acessível através do portal <https://www.linguateca.pt>. Deste *corpus*, retiramos exemplos de textos escritos de audiências públicas para analisarmos o comportamento do clítico SE com verbos não acionais, com o intuito de elaborar o panorama funcional deste uso linguístico. Como amparo teórico deste trabalho, baseamo-nos em estudiosos como Camacho (2003), Castilho (2014), Furtado da Cunha e Souza (2011), Givón (1995/2001), dentre outros, que entendem o uso da gramática como sistema adaptativo e o uso do texto como lugar concreto onde a língua se realiza e se atualiza. Na análise qualitativa dos dados, evidenciamos estratégias gramaticais e discursivas que envolvem o uso da língua para alcançar objetivos comunicativos, tais como uso de clíticos com verbos não acionais, o emprego de verbos de transitividade baixa, a escolha de relevo de fundo.

**Palavras-chave:** Uso Linguístico. Clítico Se. Relevo Discursivo.

## THE USE OF THE CLITIC SE WITH NON-ACTIONAL VERBS IN PUBLIC HEARING TEXTS

**ABSTRACT:** This article aims to investigate the behavior of the clitic se with non actional verbs written in public hearings, considering functional aspects such as clitic function, degree of transitivity and discursive relevance. For that, we used the *Corpus Brasileiro* v. 2.3 from Linguateca, accessible via the following link <https://www.linguateca.pt>. We extracted from this *corpus* samples of public hearings written texts to analyze the behavior of the clitic se with non-actional verbs, in order to elaborate the functional panorama of this linguistic use. As theoretical support for this work, we rely on scholars such as Camacho (2003), Castilho (2014), Furtado da Cunha and Souza (2011), Givón (1995/2001), among others, who understand the use of grammar as an adaptive system and the use of text as a concrete place where the language takes place and is updated. In the qualitative analysis of the data, we show grammatical and discursive strategies that involve the use of language to achieve communicative

<sup>1</sup> Doutorando em Linguística pelo Programa de Pós-Graduação em Linguística - PROLING (UFPB -2020). E-mail: [ciceroprofessorbrasil@gmail.com](mailto:ciceroprofessorbrasil@gmail.com) Orcid: <http://orcid.org/0000-0003-4093-2278>

<sup>2</sup> Doutor em Estudos Linguísticos. Professor associado na Universidade Federal da Paraíba/UFPB, docente permanente do PROLING: Programa de Pós-Graduação em Linguística e do Programa de Mestrado Profissional em Linguística e Ensino – MPLE. E-mail: [profdenilson2010@hotmail.com](mailto:profdenilson2010@hotmail.com). Orcid: <http://orcid.org/0000-0002-6101-4831>

<sup>3</sup> Doutora em Linguística. Professora assistente, do curso de Letras, da Universidade Estadual Vale do Acaraú. E-mail: [araujo.soares66@gmail.com](mailto:araujo.soares66@gmail.com). Orcid: <http://orcid.org/0000-0003-3791-7616>

objectives, such as the use of clitics with non-action verbs, the use of verbs of low transitivity, the choice of background relevance.

**Keywords:** Linguistic Use. Clitic Se. Discourse Relevance.

## **Introdução**

Para este estudo, adota-se a concepção teórica da Linguística Funcional Clássica (doravante - LFC), sob o viés dos estudos desenvolvidos a partir da década de 1970 nos Estados Unidos por linguistas como Talmy Givón (1979; 2001) e Hopper e Thompson (1980). As pesquisas apresentadas por esses linguistas adotam propostas de investigações da língua em pleno uso, concebendo como simbiótica a relação entre discurso e gramática, objetivando entender até que ponto as regularidades nos usos das formas linguísticas, correspondem às regularidades comunicativas empreendidas pelos usuários sobre pressões discursivas.

Sob o viés funcional da linguística, busca-se investigar o comportamento do clítico SE com verbos não acionais, considerando aspectos funcionais como função clítica, grau de transitividade e relevo discursivo em textos escritos de audiências públicas. Critérios, como forma e função no contexto dos domínios, são imprescindíveis para explicar os fatos linguísticos envolvidos na associação gramática e discurso. Para isso, considerar a função clítica do SE, o grau de transitividade funcional do verbo e o relevo discurso é fundamental para a nossa análise nesta investigação. No âmbito da integração forma/função em gramática e discurso, é importante considerar o clítico SE, junto ao verbo não acional, como um vocábulo prosódico em termos fonológicos; um clítico que não admite flexão em termos morfológicos; uma palavra de relação que não é argumento do verbo em termos sintáticos; um verbo de transitividade baixa em termos semânticos e um relevo discursivo de fundo, em termos de transitividade do verbo no texto.

Para a Linguística Funcional, a transitividade é entendida como uma atividade escalar do “mais transitivo” ou “menos transitivo” que envolve todos os constituintes da oração, em que uma atividade é transferida de um agente para um paciente. Por isso, o grau de transitividade de um verbo depende dos objetivos comunicativos empreendido pelo usuário da língua durante o ato verbal efetivo. Sendo assim, as funções do clítico SE afixo, em termos de transitividade, vão depender muito mais da estrutura semântica dos argumentos dos verbos, do que dos tipos semânticos dos verbos. Neste sentido, o clítico SE com verbos de baixa transitividade desempenha função de afixo e não de clítico pronominal, como ilustram os exemplos 1, 2 e 3:

Ex.1: [...] A assembleia as condecora com medalhas, diplomas, flores, mas cada uma presente **nesta noite deve se sentir igualmente lembrada** [...]. (*CORPUS BRASILEIRO* v. 2.3, 2004).

Ex. 2: Na seqüência, o senhor presidente concede a palavra ao senhor Valmar Correa de Andrade, que registra sua história no Estado e salienta que **se sente honrado em ser consagrado pernambucano**. (*CORPUS BRASILEIRO* v. 2.3, 2004)

Ex. 3: Na seqüência, o deputado Esmeraldo Santos apela **aos parlamentares** que **se sensibilizem com** o Projeto referente aos Defensores Públicos do Estado. (*CORPUS BRASILEIRO* v. 2.3, 2004)

Nos exemplos 1, 2 e 3, observa-se que o clítico reflexivo SE não faz papel sintático de complemento, mas é uma forma linguística integrada aos verbos SENTIR e SENSIBILIZAR. Além, nos excertos textuais em tela, o SE reflexivo por não preencher espaço sintático completo, não tem papel semântico de argumento verbal, percebe-se apenas a conservação de pequenos traços categóricos de reflexividade. Dessa maneira, quando o clítico reflexivo SE acompanha verbos não acionais, apresenta especificidades referências em seu domínio categorial que designa texto com complementação indicativa de pessoa. É um SE fraco em termos de potencialidade lexical e sintática, por isso é um SE –reflexivo e +textual. Assim, acompanhando verbos não acionais, em termos de relevo discursivo, o SE tende a atuar textualmente como fundo, uma vez que, na construção das narrativas textuais, os verbos não acionais apresentam informações periféricas, não atuando como figuras em relevo discursivo na perspectiva funcional de transitividade.

Nesta perspectiva, acredita-se que a baixa transitividade dos verbos não acionais é responsável pelo relevo discursivo de fundo que compõem os eventos discursivos envolvendo o clítico SE em orações com verbos não acionais. Destarte, perguntamos: Quais aspectos funcionais justificam o uso intenso do clítico SE com verbos não acionais em textos de audiências públicas? Como se processa o grau de transitividade funcional dos verbos não acionais nos textos de audiência pública? Até que ponto o clítico SE tem suas propriedades não reflexivas ampliadas em textos de relevo discursivo de fundo, atuando junto a verbos não acionais?

Para responder estes questionamentos, busca-se aparato teórico acerca do clítico SE nos trabalhos de Camacho (2003), Castilho (2014) e Neves (1997); e nos estudos de Hopper e Thompson (1980) e Furtado da Cunha e Souza (2011), sobre o aspecto da transitividade e o plano discursivo em perspectiva funcionalista.

Como procedimento metodológico, configura-se a pesquisa sob o prisma qualitativo, apresentando análise e qualificação por meio de leitura e interpretação dos dados coletados.

Toma-se como base para os dados da investigação, o *Corpus Brasileiro* (SARDINHA, 2004), por dispor de excertos de textos escritos em audiências públicas do legislativo político.

Acreditamos que o clítico SE, ao acompanhar verbos não acionais de baixa transitividade, tem a sua autenticidade reflexiva, propriedade padrão deste clítico, reduzida. Por estes motivos, o SE clítico amplia sua referencialidade a nível textual, tornando-se +textual e –pessoal, servido, assim, ao relevo discursivo de +fundo e -figura.

As seções deste artigo estão distribuídas em três tópicos. O primeiro tópico apresenta a parte teórica que fundamenta as categorias de clítico, transitividade verbal e transitividade no texto. O segundo tópico apresenta a parte metodológica da pesquisa funcionalista em dados de *corpus*. O terceiro e último tópico analisa os resultados com discussões a respeito da conclusão, alcançada com as análises realizadas do clítico SE em pleno uso com verbos não acionais e a transitividade no texto.

## **1. Pressupostos teóricos da Linguística Funcional Clássica (LFC): uma abordagem baseada no uso**

A Linguística Funcional Clássica (doravante LFC) entende que a língua existe para atingir determinados fins. É por meio do uso da língua que as formas linguísticas emergem e se regularizam na gramática. Nesta perspectiva, a língua é concebida como instrumento complexo de interação e comunicação social, a gramática atua em consequência das vicitudes do discurso, e a sintaxe é formada por uma estrutura maleável em constante mutação, oriunda da organização das informações elaboradas pelos falantes para atingir determinados propósitos comunicativos. Toma-se, assim, a análise da língua sob o ponto de vista do contexto e da situação extralinguística, levando em consideração a ação efetiva da língua que perpassa pela existência de uma “componibilidade pareada dos componentes que produzem a linguagem: a sintaxe, a semântica e a pragmática” (NEVES, 2017, p. 28).

De acordo com a LFC, o discurso é a dimensão mais criativa e individual, em que os usuários utilizam a língua com liberdade e autonomia de expressão. Inclusive é no discurso que a sintaxe imprime o nível de organização da língua, como também é o lugar onde as forças de pressões comunicativas começam a emergir e convencionalizar formas linguísticas, cabendo a gramática a sistematização e regularização destas formas. Assim, não é possível, na LFC, pensar na concepção de gramática e de discurso separadamente, como apontam Oliveira e Votre (2012, p. 158),

(...) o primeiro termo passa a se referir às estratégias criativas dos usuários na organização de sua produção linguística, aos modos individuais com que cada membro da comunidade elabora suas formas de expressão verbal. Por outro lado, o termo gramática é concebido como o conjunto das regularidades linguísticas, como o modo ritualizado ou comunitário do uso; se ao discurso cabe a liberdade e autonomia da expressão, à gramática compete a sistematização e regularização. Além da fixação de ambas as concepções, esse viés funcionalista firma também a intrínseca relação dos domínios discursivo e gramatical, na proposição da origem discursiva dos padrões gramaticais (OLIVEIRA e VOTRE, 2012, p. 158).

É neste binômio de gramática e discurso, sob a perspectiva funcionalista, que situamos a abordagem da língua, de seus componentes e dos níveis da linguagem. Para este estudo, um dos princípios funcionalistas de abordagem e análise da língua é a transitividade oracional. Em uma perspectiva que toma a língua em uso, a transitividade não é uma propriedade única da categoria verbal. A LFC observa a transitividade como uma propriedade contínua, gradiente ou escalar, da oração como um todo contituente, pois é na oração que se pode observar as relações entre o verbo e seu(s) argumento(s). Conforme Furtado da Cunha e Costa (2001, p. 62), “a transitividade de uma cláusula é definida como a transferência de uma atividade de um agente para um paciente, apresenta um componente semântico e um sintático, contudo, a manifestação discursiva de um verbo depende de fatores pragmáticos”. Sintaticamente, em uma oração transitiva, tem-se um evento que envolve pelo menos dois participantes, um agente, representado como sujeito (S), responsável pela ação, e um paciente, afetado pela ação, representado como objeto direto (OD). Furtado da Cunha e Costa, (2001, p. 63) afirmam que a transitividade da oração se constitui em três ângulos diferentes:

- (a) a estrutura argumental dos verbos tradicionalmente classificados como transitivos;
- (b) o papel semântico dos argumentos sujeito e objeto;
- (c) a ordenação desses argumentos em relação ao verbo.

Como elencado acima, a transitividade oracional prever como plausível a concomitância do estudo das categorias sintáticas e os planos do discurso dos textos, assim como, admite não só as pressões internas, mas também comportamentos linguísticos expressos nas estruturas utilizadas pelos usuários da língua para a construção do texto. Nesta perspectiva, Garcia (2004) trata dos tipos semânticos dos verbos e formula um esquema com verbos relacionais e não-relacionais. Aos primeiros estão inclusos os verbos comunicativos, designativos e afetivos, além de outros; aos segundos, estão os verbos ativos, no plano do acontecer e do fazer. Sendo assim, os verbos acionais estão atrelados à noção do fazer. O Quadro I expõe as constatações do autor, quanto aos tipos semânticos dos verbos locativos e comunicativos, segundo Garcia (2004).

Quadro I: Tipos Semânticos dos Verbos Locativos e Comunicativos

VERBOS RELACIONAIS (não acionais)		VERBOS ATIVOS (acionais)	
Tipos verbais	Exemplos	Tipos verbais	Exemplos
Verbos locativos	Morar, encontrar-se, espalhar-se, cruzar, circundar, ladear, aproximar-se, juntar-se, juntar-se, afastar-se, separar-se.	Verbos efetivos	prender, abafar, abraçar, afogar, apagar, cozinhar, derrubar, beber, ferir, pilotar, varrer, inalar, trancar, visitar, esculpir.
Verbos comunicativos	dizer, referir, escrever, prometer, reclamar, congratular, solidarizar, perguntar, conversar, negar, recusar.	Verbos descritivo-relacionais	andar, nadar, voar, passar, sentar, descansar, pousar, decolar, mergulhar, pular, deslizar, inclinar-se, rodar.

Fonte: GARCIA (2004).

Os tipos semânticos dos verbos, propostos por Garcia (2004), mostram como o sentido especifica este item da gramática que é o verbo. Diante da quantidade ampla dos verbos que compõem a língua, o parâmetro descrito pelo autor acima ajuda a entender as unidades de sentido que este item da gramática proporciona. Dos diversos tipos de verbos, selecionamos apenas os tipos semânticos mais usados nos textos escritos de audiências públicas no *corpus* desta pesquisa. Neste caso, os tipos semânticos locativos e comunicativos.

Para definir o grau de transitividade do verbo numa perspectiva funcional, é imprescindível a contribuição de alguns estudiosos desta linha de estudo. Hopper e Thompson (1980), apresentam dez componentes como parâmetros para a análise do grau de transitividade funcional, conforme mostra o Quadro II.

Quadro II: Parâmetros da Transitividade Funcional

Parâmetros	Transitividade Alta	Transitividade Baixa
1. Participantes	Dois ou mais	Um
2. Cinese	Ação	Não ação
3. Aspecto do verbo	Perfectivo	Não perfectivo
4. Pontualidade do verbo	Pontual	Não pontual
5. Intencionalidade do sujeito	Intencional	Não intencional
6. Polaridade da oração	Afirmativa	Negativa
7. Modalidade da oração	Modo realis	Modo irrealis

8. Agentividade do sujeito	Agentivo	Não agentivo
9. Afetamento do objeto	Afetado	Não afetado
10. Individuação do objeto	Individuado	Não individuado

Fonte: Furtado da Cunha e Souza (2011, p. 47).

A seguir, apresentamos algumas considerações teóricas que explicam o que é relevo discursivo, um aspecto da funcionalidade linguística importante para esta investigação.

### 1.1 Relevo discursivo

Relevo discursivo é o modo como a gramática da transitividade no texto se apresenta como imagem de figura ou de fundo. A transitividade no texto pode assumir um trajeto centralizador (figura) ou um trajeto periférico (fundo) na posição textual. Hopper e Thompson (1980) associam a transitividade a uma função discursiva-comunicativa. Mencionam os autores que o grau de transitividade reflete a maneira como o falante estrutura seu discurso para atingir seus propósitos comunicativos. A alta transitividade assinala porções centrais do texto, correspondendo à figura e a baixa transitividade marcam as porções periféricas.

Furtado da Cunha, Costa e Cezario (2015, p. 31) informam que

Por figura, entende-se aquela porção do texto narrativo que apresenta a sequência temporal de eventos concluídos, pontuais, afirmativos, factuais, sob a responsabilidade de um agente, que constitui a comunicação central. Já o fundo corresponde à descrição de ações e eventos simultâneos à cadeia da figura, além da descrição de estados, da localização dos participantes da narrativa e dos comentários avaliativos.

Mencionando uma fala de Martelotta (1998), os autores mostram que o autor amplia esta análise do relevo discursivo (figura e fundo), a outros textos não-narrativos:

Ampliando o domínio da narrativa, Martelotta (1998) testa a possibilidade de aplicação dos parâmetros da transitividade a outros tipos de textos, demonstrando que as noções de figura e fundo também podem ser extremamente úteis na análise de descrições, relatos de procedimento ou relatos de opinião. Mostra que um tipo de texto pode servir de fundo a outro tipo textual (FURTADO DA CUNHA, COSTA E CEZARIO, 2015, p. 33).

Como se pode observar, estes parâmetros sobre o grau de transitividade podem ser estendidos para outros tipos de textos. Não somente a relatos de descrições, relatos de procedimento ou relato de opinião, mas também aos relatos de audiências públicas. Os gêneros da ordem do relatar manifestam características que podem ser percebidas nos registros escritos de audiências públicas.

Marcuschi (2002) apresenta algumas características do gênero da ordem do relatar e explica que, nesta entidade de intercomunicação, o domínio da documentação social é o da memória e o da documentação das experiências humanas vivenciadas. Envolve a capacidade de representação pelo discurso de experiências vividas e situadas no tempo. Exemplifica com os gêneros relatos de experiências vividas, diários, testemunhos, autobiografias, notícia, reportagem, crônicas jornalísticas, relato histórico, biografias. Neste segmento, as audiências públicas apresentam características em comum com os gêneros da ordem dos relatos tais como documentação de experiências de ordem pública, envolvem documentação social de memória, capacidade de representação vivida situada no tempo e podem ter natureza noticiosa ou jornalística.

A seguir, dados sobre os procedimentos metodológicos que fundamentaram este estudo.

## 2. Procedimentos metodológicos

Nesta pesquisa, toma-se como base, para os dados da investigação, o *Corpus* Brasileiro v. 2.3 da Linguateca (SARDINHA, 2004). Esse *corpus* dispõe de excertos de textos escritos em audiências públicas do legislativo político acessível no site da Linguateca por meio do link <https://www.linguateca.pt/aceso/corpus.php?corpus=CBRAS>. A escolha deste *corpus* se deve ao fato de sua composição apresentar um conjunto de dados com ocorrências de uso efetivo do clítico SE acompanhado de verbos não acionais. Por meio das ocorrências fornecidas, podemos apresentar as sentenças com verbos de transitividade baixa, numa estrutura de fundo textual com intenções comunicativas pretendidas. Esse conjunto de dados atribui à pesquisa a possibilidade de investigar o comportamento do clítico SE com verbos não acionais em textos escritos de audiências públicas, considerando aspectos funcionais como: função clítica, grau de transitividade e relevo discursivo.

Nesta perspectiva, o presente estudo adota o viés qualitativo de descrição dos fatos linguísticos. Considerando que nosso interesse recai sobre estas categorias de análise dos fatos linguísticos, escolhemos a pesquisa qualitativa de descrição de categorias. Utilizamos recortes de diversos registros escritos do gênero audiência pública ligada ao legislativo estadual de Pernambuco. Os textos de audiência pública tratam da exposição oral e posteriormente publicação escrita no site da Câmara dos Deputados, espaço da Comissão de Realização de Temáticas do Legislativo de forma traduzida por taquigrafia. Assim, a audiência pública do legislativo político é um evento realizado em registros escritos pela assembleia, que divulga as

atividades do legislativo e arquiva documentos que servem de instrumentos capazes de auxiliar na resolução ou alternativas para problemas em sociedade.

No próximo tópico, apresentamos a análise e discussões dos fatos, que envolvem esta investigação sobre o uso do clítico SE com verbos não acionais, em textos escritos de audiências públicas.

### 3. Análise do clítico SE com os verbos não acionais “referir”, “encontrar”, “congratular” e “solidarizar” no texto escrito.

Apresentamos abaixo, no Quadro III, ocorrências de usos do clítico SE, pontuando a função categorial e o percentual de ocorrências deste clítico com o conjunto de verbos de maior percentual de uso em textos das audiências públicas retirados do *corpus* Brasileiro (SARDINHA, 2004).

Quadro III: Tipos semânticos dos verbos não acionais: *referir, encontrar, congratular e solidarizar*.

Enunciados do <i>Corpus</i> Brasileiro(2004).	Categorização
<b>Exemplo 04:</b> [...]Manifesto a que se refere o orador, manifesto em defesa do limite máximo de consumo o consumismo e suas iniquidades, acredito que o consumismo é a forma social mais visível e mais perversa do egoísmo reinante no coração da sociedade capitalista atual.	Clítico SE com verbo não acional (verbo relacional do tipo comunicativo) Percentual de ocorrências no texto: 31%
<b>Exemplo 05:</b> [...] deixam de votar os deputados Airinho de Sá Carvalho, Alberto Feitosa, Carla Lapa, Ciro Coelho... <b>por se encontrarem ausentes do plenário [...]</b>	Clítico SE com verbo não acional (verbo relacional do tipo locativo) Percentual de ocorrências no texto: 25%
<b>Exemplo 06:</b> [...] Usa da palavra o último orador inscrito no pequeno expediente, deputado Sebastião Rufino, <b>que se congratula com</b> a população do município de Limoeiro pelos cento e quinze anos de emancipação política do Município.	Clítico SE com verbo não acional (verbo relacional do tipo comunicativo) Percentual de ocorrências no texto: 23 %
<b>Exemplo 07:</b> [...] Na sequência, <b>o deputado Antônio Moraes se solidariza com o sindicato dos enfermeiros de Pernambuco</b> e com o sindicato profissional dos auxiliares e técnicos de enfermagem do Estado no tocante à pauta de reivindicações encaminhadas ao governo do estado.	Clítico SE com verbo não acional (verbo relacional do tipo comunicativo) Percentual de ocorrências no texto: 21%

Fonte: Elaborado pelos autores

Os verbos “referir, congratular e solidarizar” são do tipo semântico comunicativo e o verbo “encontrar” é do tipo semântico locativo. O percentual de ocorrências destes verbos são significativos nos textos escritos de audiências públicas no *corpus* analisado.

Um verbo relacional comunicativo, de acordo com Gracia (2004), não tem objeto afetado pela ação dos verbos designados como ativos (verbos da ordem do fazer: verbos de

ação). O clítico SE não assume função sintática, não atua como um participante do verbo, aparecendo, então, com um verbo não acional, seguido de um objeto esporádico (objeto indireto).

Furtado da Cunha e Souza (2011, p. 37) explicam que:

Uma oração transitiva descreve um evento que potencialmente envolve pelo menos dois participantes, um agente que é responsável pela ação, codificado sintaticamente como sujeito, e um paciente que é afetado por essa ação, codificado sintaticamente como objeto direto.

Com base nesta definição de oração transitiva, situamos os verbos dos exemplos do Quadro III, como verbos de transitividade baixa e não acionais. Nas ocorrências elencadas, os verbos *referir*, *encontrar*, *congratular* e *solidarizar* apresentam menos participantes (não tem objeto afetado pela ação do verbo) e o clítico SE não assume função sintática.

Conforme Melo (2009, p.112), o clítico SE acidental se apresenta para diferenciar daquilo que é essencial ou mais forte. Esta concepção do *mais forte* e do *mais fraco* tem associação com ganhos ou perdas gramaticais em razão de ganhos para o texto. Scalon (1998) explica que uma classificação que pressupõe a delimitação do campo conceitual, dentro do qual se processam as escolhas dos elementos considerados essenciais, requer a determinação dos eixos que estabelecem as diferenças e igualdades entre categorias e, portanto, demarcam as fronteiras entre elas. Essas alterações são advindas da atualização da gramática no texto. As categorias da gramática que passam por alterações, como por exemplo, verbos e clíticos, serão entendidas como categorias maiores ou categorias menores, mas não necessariamente menos significativas, como explica Givón (2001).

### 3.2 O uso do verbo “Referir” com o clítico SE

Com base no exemplo 04, no Quadro III (três), o Quadro IV apresenta os parâmetros que medem o grau de transitividade do verbo “referir”, conforme a noção de transitividade oracional, elaborada por Hopper e Thompson (1980, p.252).

Quadro IV: Parâmetro de Transitividade Funcional do Verbo Referir

Parâmetros	Verbo referir	Transitividade Alta	Transitividade Baixa
1. Participantes	Dois	Dois ou mais	Um
2. Cinese	Não acional (verbo relacional comunicativo)	Ação	Não ação

3. Aspecto do verbo	Não perfectivo	Perfectivo	Não perfectivo
4. Pontualidade do Verbo	Pontual	Pontual	Não pontual
5. Intencionalidade do Sujeito	Intencional	Intencional	Não intencional
6. Polaridade da oração	Oração Afirmativa	Afirmativa	Negativa
7. Modalidade da Oração	Modo realis	Modo realis	Modo irrealis
8. Agentividade do Sujeito	Não agentivo	Agentivo	Não agentivo
9. Afetamento do Objeto	Não afetado	Afetado	Não afetado
10. Individuação do objeto	Não individuado (o clítico SE não é referencial)	Individuado	Não individuado

Fonte: Elaborado pelos autores com base na noção de transitividade oracional de Hopper e Thompson (1980).

De acordo com Gracia (2004), o verbo “referir” é um verbo relacional comunicativo. Sendo assim, não tem objeto afetado pela ação dos verbos designados como ativos (verbos da ordem do *fazer* - verbos de ação). Neste caso, o clítico SE afixo não assume função sintática, não atua como um participante do verbo, aparecendo, então um objeto esporádico (objeto indireto), assumido por um sintagma nominal.

No Quadro V, observamos os aspectos funcionais de forma e sentido na integração dos domínios da gramática ao texto.

Quadro V: Parâmetro Forma e Função do clítico SE com o Verbo Não Acional *Referir*

Clítico Se com o Verbo Referir	Forma	Componente	Parâmetro
		Aspecto Fonológico	Não acentuado como vocábulo fonológico, verbo e clítico com um só acento prosódico.
	Aspecto Morfológico	Natureza clítica do item, não se flexiona.	
	Aspecto Sintático	Não é um objeto afetado pela ação verbo	
Função	Aspecto Semântica	Transitividade baixa. Não agentividade. Verbo não acional (verbo comunicativo)	
	Aspecto Discursivo	Relevo discursivo: fundo	
	Modalidade de gênero	Registro escrito de audiências públicas (ordem do relatar: relato histórico).	

Fonte: elaborado pelos autores.

As alterações que a gramática assume no texto, em razão dos sentidos que precisa produzir, evidenciam o quão é significativa uma análise que conceba uma visão funcionalista dos fatos linguísticos.

### 3.2 O uso do verbo “Encontrar” com o clítico SE

O uso do verbo “encontrar” com o clítico SE, exposto no exemplo 05, Quadro III, manifesta fatos que determinam alterações. Esse sentido se configura devido à presença do verbo “encontrar”, como sendo não acional, com perdas gramaticais de transitividade e a presença do clítico SE, como sendo desprovido de certas funções gramaticais em razão de ganhos de sentido para o texto.

Quadro VI: Parâmetro de Transitividade Funcional do Verbo *Encontrar*

Parâmetros	Verbo Encontrar	Transitividade Alta	Transitividade Baixa
1. Participantes	Um	Dois ou mais	Um
2. Cítese	Não acional (verbo relacional locativo)	Ação	Não ação
3. Aspecto do verbo	Não perfectivo	Perfectivo	Não perfectivo
4. Pontualidade do verbo	Pontual	Pontual	Não pontual
5. Intencionalidade do verbo	Intencional	Intencional	Não intencional
6. Polaridade da oração	Oração Afirmativa	Afirmativa	Negativa
7. Modalidade da oração	Modo realis	Modo realis	Modo irrealis
8. Agentividade do sujeito	Não agentivo	Agentivo	Não agentivo
9. Afetamento do objeto	Não afetado	Afetado	Não afetado
10. Individuação do objeto	Não individuado (o clítico não é referencial)	Individuado	Não individuado

Fonte: Elaborado pelos autores.

O uso deste verbo passou por alterações gramaticais para se ajustar ao sentido do texto. Como se pode ver no Quadro VI, a transitividade é mais fraca e assume a função de transitividade baixa, dentro da perspectiva dos estudos do grau de transitividade funcional dos verbos, conforme mostra o Quadro VII.

Quadro VII: Parâmetro Forma e Função do Clítico SE com o Verbo Encontrar

		Componente	Parâmetro
		Clítico SE com o verbo encontrar	Forma
Aspecto Morfológico	Natureza clítica do item, não se flexiona.		
Aspecto Sintático	Não é um objeto afetado pela ação do verbo		
	Função	Aspecto Semântica	Transitividade baixa Não agentividade Verbo não acional (verbo relacional locativo)
		Aspecto Discursivo	Relevo discursivo: fundo
		Modalidade de gênero	Registro escrito de audiências públicas (ordem do relatar: relato histórico)

Fonte: Elaborado pelos autores.

### 3.3 O uso dos verbos “congratular” e “solidarizar” com o clítico SE

Assim como os verbos “referir” e “encontrar”, os verbos “congratular” e “solidarizar”, expostos nos exemplos 06 e 07, no Quadro III, assumem alterações gramaticais para adaptarem-se ao texto. O texto, então, é o lugar de atualização e realização da gramática.

Quadro VIII: Parâmetros de transitividade funcional do Verbo *Congratular e Solidarizar*

Parâmetros	Verbos Congratular e Solidarizar	Transitividade Alta	Transitividade Baixa
1. Participantes	Dois	Dois ou mais	Um
2. Cinese	Não acional (verbo relacional do tipo comunicativo)	Ação	Não ação
3. Aspecto do verbo	Não perfectivo	Perfectivo	Não perfectivo
4. Pontualidade do verbo	Pontual	Pontual	Não pontual
5. Intencionalidade do sujeito	Intencional	Intencional	Não intencional
6. Polaridade da oração	Oração Afirmativa	Afirmativa	Negativa
7. Modalidade da oração	Modo realis	Modo realis	Modo irrealis
8. Agentividade do sujeito	Não agentivo	Agentivo	Não agentivo
9. Afetamento do objeto	Não afetado	Afetado	Não afetado
10. Individuação do objeto	Não individuado (o clítico não é referencial)	Individuado	Não individuado

Fonte: Elaborado pelos autores.

Com base nos parâmetros descritos no Quadro VIII para os verbos *congratular* e *solidarizar*, o fato do objeto indireto ser considerado esporádico, por ocorrer poucas vezes em associação ao objeto direto que ocorre mais vezes, em razão do status da oração com transitividade alta. Significa dizer que num contexto de uso deste verbo com transitividade baixa, os ajustes na estrutura para adaptarem-se ao texto trazem à tona o emprego da gramática com perda sintática do objeto direto e ganho do objeto indireto em razão do uso da gramática no texto.

Quadro IX: Parâmetro Forma e Função do Clítico SE com os Verbos *Congratular e Solidarizar*

Clítico SE	Forma	Componente	Parâmetro
		Aspecto Fonológico	Não acentuado como vocábulo fonológico, verbo e clítico com um só acento prosódico.
		Aspecto Morfológico	Natureza clítica do item, não se flexiona.

com os Verbos Congratular E Solidarizar		Aspecto Sintático	Não é um objeto afetado pela ação do verbo.
	Função	Aspecto Semântica	Transitividade baixa Não agentividade Verbo não acional (verbo comunicativo)
		Aspecto Discursivo	Relevo discursivo: fundo
		Modalidade de gênero	RRregistro escrito de audiências públicas (ordem do relatar: relato histórico)

Fonte: Elaborado pelos autores.

## Considerações finais

A partir de uma visão funcional da gramática, analisamos o clítico SE com verbo não acional e a atuação da transitividade no texto em registros escritos de audiências públicas. Nestes registros, a escolha destes elementos da gramática para discursar reflexividade, relações interpessoais na comunicação sugerida como saudosa, ética e afetiva, registram a significativa integridade da relação simbiótica entre gramática e texto.

A análise qualitativa dos dados mostra que a transitividade baixa dos verbos, a não autenticidade reflexiva padrão do clítico SE e a transitividade baixa ampliada para o texto são fatores que influenciam na organização do sentido textual. Um clítico de baixa gramaticalidade, um verbo de baixa transitividade e um texto com baixo teor de verbos e um alto teor de nomes (lista de nomes e poucas frases verbais) têm sido de grande importância para o sentido colaborativo, comunicativo, reflexivo e interpessoal na negociação de efeitos de sentido para o texto desta natureza que são as audiências públicas de divulgação de eventos de natureza política.

## Referências

BAUER, Martin W.; AARTS, Bas. A construção do *corpus*: um princípio para a coleta de dados qualitativos. In: BAUER, Martin; GASKELL, George (org.). *Pesquisa qualitativa com textos, imagem e som*. Petrópolis, Vozes, 2002.

BOCHETT, Amanda Canterle Bochet e CABRAL, Sara Regina Scotta. *Audiências públicas sobre meio ambiente e desenvolvimento sustentável: uma análise de gênero segundo a perspectiva sistêmico-funcional*. Revista: RE-UNIR, v. 4, nº 1, 2017.

CAMACHO, Roberto Gomes. *Em defesa da categoria de voz média no português*. Revista D.E.L.T.A., 19:1, PUC-SP, 2003 (páginas 91 a 122).

CASTILHO, Ataliba Teixeira. *Nova gramática do português brasileiro*. 1. ed., 3ª reimpressão – São Paulo: Contexto, 2014.

FURTADO DA CUNHA, Angélica; OLIVEIRA, Mariangela R; MARTELOTTA, Mário. E. *Linguística funcional: teoria e prática*. Rio de Janeiro, 2003.

FURTADO DA CUNHA, Angélica. In: MARTELOTTA, Mário Eduardo. *Manual de linguística*. São Paulo: contexto, 2008.

FURTADO DA CUNHA, Maria Angélica, COSTA, Marcos Antônio. *A interdependência dos componentes sintático, semântico e pragmático*. In: Veredas-Revista de Estudos Linguísticos. Juiz de Fora: UFJF, V.5, N.2, 2001.

FURTADO DA CUNHA, Maria Angélica & SOUZA, Maria Medianeira. *Transitividade e seus contextos de uso*. São Paulo: Cortez, 2011.

FURTADO DA CUNHA, Maria Angélica; OLIVEIRA, Mariangela Rios; MARTELOTTA, Mário Eduardo (Orgs.). *Linguística funcional: teoria e prática*. Rio de Janeiro, Editora: DP&A, 2015.

GARCIA, Afrânio da Silva. *Uma tipologia semântica do verbo no português*. Revista SOLETRAS, Ano IV, No.08. São Gonçalo: UERJ, jul./dez. 2004.

GIVÓN, Talmy. *Form Discourse to syntax*. Nova York: Academic Press, vol.12, 1979, p. 81-112.

GIVÓN, T. *Functionalism and Grammar*. Company Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing, 1995.

GIVÓN, Talmy. *Syntax: An Introduction*. Volume 1. Jonh Benjamins Publishing Company: Amsterdam\Philadelfia, 2001.

HOPPER, Paul; THOMPSON, Sandra. *Transitivity in Grammar and Discourse*. Language Journal of the Linguistic Society of America Baltimore, Md 56, 1980.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. *Produção textual, análise de gênero e compreensão*. São Paulo: Cortez, 2008.

MATOS, Denilson Pereira. *O reflexivo SE pronome e o reflexivo SE afixo: tipicidade e atipicidade*. Material mimeografado. João Pessoa: TLB, 2018.

MATOS, Denilson Pereira; VANDERLEI, Delma de Melo; SOUZA, Adílio Junior de. Função textual-discursiva dos pronomes a(s), o(s), me e te. In: SILVA, Camilo Rosa; MATOS, Denilson Pereira de (Org.). *Usos Linguísticos: Formas & Funções*. Curitiba: Editora CRV, Brasil. 2016.

MAXWELL, Kenneth. Elemento interpolado entre o clítico e o verbo é um sintagma. In: *Atas do II Encontro Nacional de Linguística*. PUC, Rio de Janeiro, 2006.

MELLO, Fernanda Rosário. “ACABOU-SE O QUE ERA DOCE. QUEM COMEU SE REGALOU-SE”: *Um estudo sociofuncionalista do se reflexivo em João Pessoa*. Pós-Graduação em Linguística\ UFPB. Tese de doutorado, João Pessoa, 2009.

NEVES, Maria Helena de Moura. *Gramática Funcional*. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

ROGER, Fischer, Steven. *História da Escrita*. Editora da UNESP, 2000.

SARDINHA, Tony Berber (GELC, LAEL, Cepril, PUCSP). *Corpora Público da Linguoteca*. Corpus Brasileiro <http://corpusbrasileiro.pucsp.br/>. O Corpus Brasileiro v. 2.3 é um corpus do projeto AC/DC, 2004.

SCALON, Maria Celi. *Mapeando Estratos: Critérios para Escolha de uma Classificação*. Versão impressa ISSN 0011-5258 versão On-line ISSN 1678-4588. <https://doi.org/10.1590/S0011-52581998000200003>. DADOS v. 41 n. 2 Rio de Janeiro, 1998.

TAVARES, Maria Alice. *Gramática emergente e o recorte de uma construção gramatical*. In: SOUZA, Edson Rosa (org.). *Funcionalismo linguístico: análise e descrição*. São Paulo: Contexto, 2012.

Recebido em: 27/02/2023

Aceito em: 24/07/2023.